

Geografia Cultural: A Inovação da Tradição ou a Tradição da Inovação?

JÖRN SEEMANN, Departamento de Geociências/UECE.

RESUMO

A geografia cultural representa uma das áreas mais dinâmicas no campo da geografia. As discussões e polêmicas internas não devem ser vistas como sinais de fraqueza ou ecletismo fora de controle, mas como espelho das variedades culturais e da sua diferenciação no pensamento científico. Enquanto correntes e paradigmas na geografia cultural estão sendo comparados, criticados ou condenados, pouco se escreve sobre as próprias pessoas que formulam e depois defendem estas idéias. Deve-se prestar mais atenção ao discurso e ao contexto dos geógrafos culturais (como indivíduos em comunicação) do que nas suas próprias teorias. Através de um exemplo do um geógrafo cultural da “escola de Berkeley”, Marvin Mikesell, mostra-se que tradição e inovação, continuação e mudança simultaneamente fazem parte do pensamento na geografia cultural.

Palavras-Chave

Geografia Cultural, Tradição e Inovação.

Apresentação

Ao analisar as diferentes posições no mundo acadêmico, a geografia cultural virou um palco de discussões polêmicas e de controvérsias, que se tornaram “disputas de quintal” entre as versões “velha” e “nova” da geografia cultural (Cosgrove, 1999, p.45), o que faz com que a disciplina seja “atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico” (McDowell, 1996, p. 159). Pelo fato de juntar diferentes atitudes na mesma área, a geografia cultural garante uma discussão contínua sobre as suas formas e os seus conteúdos. Não é possível, ainda menos desejável, padronizar o pensamento, pois, afinal de contas, as ciências progredem com o intercâmbio de diferentes idéias.

Em outras palavras, a geografia vive das diferenças que podem ser consideradas o “cerne” da geografia. Corrêa (1987, p. 8) afirma que

subjacente a todos os paradigmas há um denominador comum: a geografia tem suas raízes na busca e no entendimento da diferenciação de lugares, regiões, países e continentes, resultante das relações entre os homens e entre estes e a natureza. Não houvesse diferenciação de áreas, ..., certamente a geografia não teria surgido.

Atrás dos lugares, as regiões etc. esconde-se o homem que também não mostra uma uniformidade (de comportamento, aparência, pensamento etc.). Teorias científicas, muitas vezes, representam uma opinião pessoal que cada um defende com toda força sem admitir que o outro poderia ter razão, de modo que diferentes correntes existem ao mesmo tempo. Cosgrove (1999, p. 27) afirma que “nenhum estudioso que trabalhe nas ciências humanas ou sociais pode desconhecer o argumento fortemente articulado de que todo conhecimento está ‘situado’, de que ele é *matizado, infalivelmente, pelos contextos, normas de significação, parcialidades, experiências e desejos* que envolvem sua elaboração” (grifo meu).

Contudo, os cientistas ainda não aprenderam a convivência pacífica, ainda que a ciência viva da disputa, da controvérsia e da polêmica. Capel (1989) observa que dentro da própria geografia, a(s) história(s) da disciplina serve(m) ou para “socializar os neófitos através da sua doutrinação” ou para “defender o ponto de vista de um cientista nas discussões com colegas”.

Portanto, um certo “sectarismo” fica evidente nas batalhas da geografia cultural, sobretudo os atritos entre os “tradicionalistas” da escola de Berkeley (veja, por exemplo, a “apologia” de Price e Lewis, 1993a, 1993b) e os “novos geógrafos culturais”, principalmente da Grã-Bretanha (Cosgrove e Jackson, 1987; Jackson, 1993, Cosgrove, 1993), de modo que a geografia cultural corre o risco de se partir em várias sub-disciplinas.

O atual cenário da geografia cultural revela que há vários paradigmas em coexistência (muitas vezes não pacífica) e que, devido ao caráter “escorregadio” do termo “cultura”, não existe uma abordagem única e, ainda mais difícil, “*geo-nuína*” na geografia cultural. Em vez de analisar o surgimento e desenvolvimento das diversas correntes, deve-se focalizar a pesquisa nas pessoas que criam e defendem posições, mas, ao mesmo tempo, também mudam de atitude.

Além disso, as mudanças na academia não acontecem simultaneamente com as mudanças na sociedade de modo que o mundo acadêmico deve repensar constantemente seus pontos de vista e os respectivos métodos.

A Análise do discurso e da intercomunicação entre os geógrafos culturais permite traçar um quadro de tradição e inovação do pensamento geográfico-cultural. Através de um exemplo ilustrativo, portanto não representativo para *todos os geógrafos culturais*, de um representante da geografia cultural, pretendo mostrar que não é a disciplina “geografia cultural” que está em constante movimento, mas são as pessoas que a criam e (re)formulam.

Há mudanças em toda parte

“No passado e na tradição apagam-se os desejos e os motivos para mudanças, porque, de qualquer modo, uma mudança sempre cria a base para uma mudança sucessiva” Nicolau Maquiavel. O Príncipe, 2000, p. 16).

O provérbio latim *Tempora mutantur nos et mutamur illis* (os tempos mudam, nós mudamos neles). transmite a idéia que vivemos em um mundo de mudanças. Por um lado, o ser humano é o agente para as mudanças, mas as mudanças, por sua vez, num jogo interminável de interações, causam

mudanças, com conseqüências para os seres humanos. Em resumo, a transformação da sociedade é um processo contínuo que também inclui a pesquisa científica que, muitas vezes, não consegue manter o mesmo ritmo como as mudanças sociais, tornando-se uma espécie de estanque, porque fica “desatualizada”. E não consegue detectar adequadamente a mudança que é um processo, e não uma descrição do momento. De certa forma, parece com a parábola da corrida entre Aquiles e a tartaruga: Argumenta-se que Aquiles nunca alcançará a tartaruga, que tinha partido antes do guerreiro, porque quando ele chegava à posição da tartaruga, essa já se encontraria mais na frente. Alcançando essa nova posição, a tartaruga teria avançado de novo. Em resumo, Aquiles consegue diminuir a distância (ou diferença) em relação à tartaruga, mas nunca vai alcançá-la!

Quanto à desatualização, a geografia cultural reflete bem esse problema. Gasta-se muito tempo com as batalhas internas de modo que se pode chegar à conclusão que existem tantas geografias quanto geógrafos.

Um novo paradigma quase sempre é uma reação a um paradigma anterior: A “nova geografia cultural” é uma crítica à Escola de Berkeley que era considerada “dominantemente rural e antiquária, estreitamente concentrada nos *artefatos físicos* (cabanas de madeira, cercas e delimitações dos campos cultivados)” (Cosgrove e Jackson, 1987, p. 96, grifo dos autores).

Por outro lado, os “redemoinhos” pós-modernos estão atacando a “nova geografia cultural” que, nos olhos dos seus críticos, virou uma espécie de “Nova geografia cultural tradicional”, que continua “coisificando”¹ cultura, atribuindo-lhe condições ontológicas e explicativas. A geografia cultural ficou incapaz de teorizar o seu objeto de estudo, a cultura, de modo que ela deveria abordar a idéia de cultura em vez da ‘cultura’ per se (Mitchell 1995, p. 108). Desta forma, estuda-se o processo da construção da idéia de cultura².

Os representantes das respectivas correntes ou mantêm sua posição ou abrandam ou mesclam os seus conceitos tanto que existem preocupações e “não-preocupações” com a unidade da geografia cultural.

Em defesa da “Escola de Berkeley”: Marvin Mikesell

Em vez de traçar o trajeto da geografia cultural através do surgimento das várias correntes, o que já foi feito em vários trabalhos (por exemplo McDowell, 1996; Corrêa, 1997), parte-se das pessoas que “inventaram” ou defende(ra)m determinados pontos de vista.

As observações que seguem não têm como objetivo criticar posições ou atitudes ou denegrir pessoas, mas mostrar que na geografia nenhum pesquisador é uma ilha. Durante uma carreira acadêmica, um geógrafo raramente mantém sua posição com a respectiva conceituação, mas reflete, repensa, ou às vezes, revoluciona seu pensamento. O próprio Carl Sauer, por exemplo, se formou sob as influências do evolucionismo com ponto de partida nas ciências naturais e do determinismo ratzeliano (através de Ellen Semple em Chicago) para depois criticar essas abordagens em favor do possibilismo francês, elaborando a sua geografia como corologia, que depois cedeu lugar para a geografia cultural saueriano com menos ênfase nos estudos de área e mais nos estudos comparativos de culturas nas áreas (Corrêa, 1997).

Como exemplo para ilustrar tradições e inovações na geografia cultural foi escolhido Marvin Mikesell, da “Escola de Berkeley”. Mikesell nasceu em Kansas City em 1930, obteve bacharelado (1952) e mestrado (1953) na Universidade de Califórnia em Los Angeles. Em 1959, sob a orientação de Carl Sauer, recebeu o título de PhD na Universidade de Berkeley, dissertando sobre 'The northern zone of Morocco: a study of rural settlement and its effect on the land³.' (O norte de Marrocos: um estudo sobre povoamentos rurais e seu efeito na terra). Suas publicações até 1962 mostraram sua preferência pela cultura norte-africana e mediterrânea (Marrocos, Argélia, Espanha) e seus problemas decorrentes do desmatamento e do nomadismo.

Em 1962, em co-autoria com Philip L. Wagner (outro discípulo de Sauer), Mikesell lançou a coletânea *Readings in Cultural Geography*, juntando textos de profissionais das mais variadas áreas, “além de geógrafos, um etnozoólogo, um lingüista, três botânicos, um arqueólogo, um cartógrafo cultural (sic!), um historiador, vários antropólogos e um pesquisador free-lancer”, (Mikesell, 2000, p. 102).

Na introdução da obra, os autores constataam que a geografia cultural “é mais uma curiosidade compartilhada e um conjunto de preferências que um programa ou doutrina explícitos” (Wagner e Mikesell, 2000, p. 111). Nos olhos deles, “a geografia cultural é a aplicação da idéia de cultura aos problemas geográficos” (Wagner e Mikesell, 2000, p. 111), utilizando-se do conceito *kroeberiano* de cultura, o que mais tarde foi severamente criticado como “super-orgânico”, sinalizando o início do determinismo cultural na antropologia americana⁴.

Wagner e Mikesell mencionam “5 temas implícitos” da geografia cultural nos seus “Readings in Cultural Geography”: cultura, área cultural, paisagem cultural, história da cultura e ecologia cultural, que, de uma forma simplificada, estão escondidos atrás das perguntas: Quem? Onde? O quê? Quando? Como? (Wagner e Mikesell, 2000, p. 113-167).

Mesmo que o texto seja muito “tradicionalista” em considerar comunidades de pessoas ocupando um espaço determinado e não indivíduos ou quaisquer características pessoais e em mostrar a sua não-preocupação com o *funcionamento interno e a descrição completa dos padrões de comportamento* (Wagner e Mikesell, 2000, p. 121, grifo meu) — que são os pontos fracos para os ataques dos novos geógrafos culturais — , Wagner e Mikesell deixam mostrar que o próprio geógrafo não fica “pairando” como ente independente e neutro em cima das pesquisas culturais, mas que ele “é um produto de uma determinada cultura, e quanto menos pensa sobre outras culturas ou sobre a idéia abstrata de ‘cultura’ tanto mais provável é que seu pensamento venha a expressar, saturadamente, as suposições, preferências e proibições *de sua própria cultura* (Wagner e Mikesell, 2000, p. 165, grifo meu). Já em 1962, os autores adotaram uma atitude de relativismo cultural, idéia muito cara à Antropologia Cultural, e constataram que as opiniões dos geógrafos estão “fortemente doutrinados e impregnados com a crença em ‘progresso’, ‘eficiência’ e ‘crescimento econômico’” (Wagner e Mikesell, 2000, p. 165-166) — sem dúvida uma reflexão das condições políticas existentes nos Estados Unidos pós-guerra, fase crítica da “Guerra Fria” (a quase-invasão de Cuba como estopim para a Terceira Guerra Mundial) e uma caça impiedosa aos “comunistas” no país (“McCarthyismo”)⁵, tanto que Wagner e Mikesell (2000, p. 166) observam (ou melhor: *tiveram* de observar) que “não há

‘geografia cultural’, em nosso entender, na União Soviética, mas os geógrafos soviéticos são cuidadosos ao expressar uma orientação cultural enfatizando virtudes utilitárias e igualitárias”).

Em 1978, Mikesell publica um artigo nos “Annals of the Association of American Geographers” sobre o tema “Tradição e inovação na geografia cultural” no qual ele redefine algumas idéias da década anterior, mostrando, ao mesmo tempo, sua preocupação com os conteúdos e o comportamento (!) dos geógrafos culturais, criando uma espécie de “geografia cultural dos geógrafos culturais” ao abordar não apenas os conteúdos, mas também a forma como os geógrafos culturais trabalham.

Com uma forte orientação antropológica⁶ e consciência do relativismo cultural, Mikesell critica o “individualismo teimoso” da disciplina e admite que “nossa filiação a uma escola de pensamento revela gostos e desgostos e, de fato, um elemento de idiossincrasia que não pode ser explicado pela epistemologia” (Mikesell, 1978, p. 4). Nessa observação, Mikesell não quer se excluir dos outros geógrafos. No capítulo sobre as “preferências persistentes” da geografia cultural, ele mesmo admite que o comportamento conforme sua escola de pensamento reflete as preferências pessoais de cada um, tanto que, logo em seguida, *ele mesmo* cita as suas próprias “preferências” para os estudos em geografia cultural, “preferências que definem a personalidade da geografia cultural e que *devem ser mencionadas*” (Mikesell, 1978, p. 4, grifo meu).

Trata-se de 7 preferências: orientação histórica (como conceito de tempo-espço), o homem como agente de modificação ambiental, preferência pela cultura material, pesquisas em áreas rurais, não-ocidentais ou pré-industriais, suporte na Antropologia, o individualismo dos pesquisadores (num sentido positivo, porque permite “atitudes de apreciação mútua” com outras áreas) e realização de pesquisas empíricas em vez de uma “geografia de escritório” (Mikesell, 1978, p. 4-6).

Ao mesmo tempo, Mikesell se sente “à vontade” com a idéia “que qualquer sinal de ação humana na paisagem implica uma cultura” (Mikesell, 1978, p. 4)⁷.

Por outro lado, ele percebe que a geografia cultural está em constante movimento, mostrando uma “heterodoxia inquieta que caracteriza o

pensamento geográfico no final dos anos 70” (Mikesell, 1978, p. 9). Os “desenvolvimentos recentes” na disciplina têm como destaque a percepção ambiental e a ecologia cultural que abriram o caminho para a geografia do comportamento e a geografia humanística (principalmente Yi-Fu Tuan, outro aluno de Berkeley). Mikesell nem exclui uma parceria com a “Nova Geografia”, combinando-se a orientação histórica com as teorias de locais, alude a uma abordagem semiótica com “descrições densas” (“thick layers”, Geertz 1978), o que mais tarde virou a base da “Nova Geografia Cultural”.

Com sua inclinação antropológica, Mikesell mostra uma consciência muito forte pelo relativismo das culturas, mas, ao mesmo tempo, prevê os futuros atritos com os representantes europeus da geografia cultural que têm a tendência de considerar os Estados Unidos como “apêndice creolizado” da cultura européia (Mikesell, 1978, p. 9).

Dezesseis anos mais tarde, em 1994, Mikesell escreve o pós-fácio para *Re-reading Cultural Geography*, organizado por Foote et al. (1994). Nesta publicação, ele admite um pluralismo dentro da geografia cultural. Além das “7 preferências” mencionadas em 1978, existem várias outras como áreas urbanas, sociedades ocidentais, a era moderna ou subculturas, contraculturas ou a questão do gênero. Enquanto muitos conceitos e idéias na geografia ou “estão sendo aposentados” ou surgem nas discussões, a disciplina se torna “demasiadamente grande”, tendo uma “literatura discrepante” através da combinação de “isolamento pessoal e interesses variados”, resultando em “realizações esporádicas ou não coordenadas” o que gera a “necessidade de chegar a *consensos* (sic!)” (Mikesell, 2000, p. 88, grifo meu)⁸. Desta maneira, ele vê a conceituação da geografia cultural representada como aparência (o que corresponde principalmente à cultura material), função (uma mescla de funcionalismo e estruturalismo) e significado (referência à semiótica). (Mikesell, 2000, p. 90).

Admitindo uma dialética interna da geografia cultural entre o geral e o único e o estável e o dinâmico, Mikesell salienta a importância da escala nas pesquisas⁹, criticando um certo “aqui-agora” nos trabalhos em detrimento de perspectivas históricas e internacionais (Mikesell, 2000, p. 104). Contudo, Mikesell apela à unidade da geografia cultural (em vez de “geografias

culturais”), formando uma “confederação” com “aspirações extra e pós-disciplinares, além de interdisciplinares” (Mikesell, 2000, p. 102)

Conclusão: Em defesa da dinâmica

A Geografia Humana de certo modo tem sido sempre pluralística como disciplina, contendo mais de um discurso... Nenhum discurso controla a organização institucional da disciplina –suas sociedades eruditas e seus corpos pedagógicos (Johnston, 1986, p. 307-8).

A análise dos discursos dos geógrafos culturais pode ser um método revelador para melhor compreender as diferentes correntes da geografia cultural e suas respectivas teorias. Como Mikesell (2000, p. 103) observa, “cada geógrafo cultural tem suas convicções sobre necessidades de pesquisa e objetivos educacionais” — e estes também são dinâmicas! Por conseqüência, precisa-se compreender os trabalhos em geografia cultural pela abordagem utilizada neles e não julgá-los pelos seus próprios conceitos, tanto de “ver-nos, entre outros, como apenas mais um exemplo da forma que a vida humana adotou em um determinado lugar, um caso entre casos, um mundo entre mundos” (Geertz, 1999, p. 30).

A geografia cultural não é uma abordagem compreensiva para o estudo da cultura, mas sim *seletiva* (Mikesell, 1978, p. 11, grifo meu). Apenas poucos elementos de cultura foram estudados sistematicamente pelos geógrafos. Existe uma vasta literatura sobre religião, mas poucos trabalhos sobre linguagem. Os conhecimentos sobre a cultura material estão muito mais avançados do que nossos conhecimentos sobre a organização social e outros aspectos não-materiais (Mikesell, 1978, p. 11).

Nas tentativas de delimitação da disciplina, revela-se um certo ecletismo, que não é problema único da geografia cultural¹⁰. Talvez seja menos revelador que existe uma geografia cultural do que a idéia de que existe *uma maneira cultural-geográfica* de ver o mundo (Mikesell, 1978, p. 2, grifo meu). Seja um pensamento de geografia cultural “tradicional” ou “nova”, “

nenhum rótulo jamais impediu eruditos imaginativos de seguirem, criativamente, suas percepções e seus interesses. Os rótulos têm valor, não porque confinam ou delimitam a atividade, mas porque estimulam a imaginação erudita em direções *distintivas em vez de distintas* (Cosgrove, 1999, p. 46, grifo meu).

Ao ver “evidências tanto de continuidade como de mudança na geografia cultural” (Mikesell, 2000, p. 86), ou, conforme Mikesell (1978), tradição e inovação, os geógrafos culturais talvez consigam enfrentar melhor os problemas na sua disciplina como a “semiotização” exagerada, a busca de uma teoria geográfica da cultura, a miscigenação entre as geografias cultural e social e a contribuição da disciplina para explicar e resolver problemas da sociedade entre muitos outros assuntos.

Notas

¹ “Coisificação” é um processo pelo qual indivíduos produzem um mundo de abstrações (idéias, normas de conduta, valores) e objetos concretos reais os quais, apesar de serem produzidos pelos homens, conseguem dominar pessoas como se fossem “factualidades” naturais e imutáveis (Duncan, 1981, p. 290).

² Veja a discussão entre Mitchell (1995, 1996), Jackson (1996), Cosgrove (1996) e Duncan e Duncan (1996).

³ Uma bibliografia completa até 1983 encontra-se em Parsons e Vonnegut (1983).

⁴ Veja, por exemplo, Brunet (1981) sobre o perigo do “culturalismo” ou a crítica ríspida de Duncan (1980) e, muito menos comentadas na literatura, as reações ao artigo de Duncan. Miles Richardson adverte que não se deva cair na armadilha do “reducionismo individualístico” (Richardson, 1981, p. 287), enquanto Richard Symanski acusa Duncan,, além de uma “flatulência de roda-pé” de 144 notas, de ser um geógrafo marxista (Symanski, 1981, p. 289).

⁵ Em defesa de um “Anti-anti-relativismo”, Geertz (1984) explica que é errado pensar que um “anti-anti-comunista”, pela lei do “negativo duplo” tenha alguns sentimentos pela União Soviética. “Não acho que relativistas [culturais] sejam como anti-comunistas e que qualquer um (...) se comporte como McCarthy” (1984, p. 263).

⁶ Veja Mikesell (1967).

⁷ Enquanto isso, seu co-autor dos “Readings in Cultural Geography, Philip Wagner, tinha renunciado às idéias formuladas em 1962 (Wagner, 1975).

⁸ Talvez Mikesell esteja percebendo que é impossível chegar a *um* consenso na geografia cultural.

⁹ Veja Castro (1995) e Racine, Raffestin e Ruffy (1983). A questão de escala como problema operacional ou como perspectiva ainda não foi suficientemente tratada na geografia cultural. Muitas pesquisas escolhem apenas um “nível de escala” (nacional, regional, local, individual etc.) enquanto muitos problemas são “multi-escalares”. Pesquisas na Geografia das Religiões, por exemplo, tratam ao mesmo tempo de fenômenos de escala grande (indivíduos) e pequena (a instituição da igreja).

¹⁰ A “Political Ecology” como área de pesquisa fundamentada na geografia padece das mesmas “abordagens teóricas híbridas” (Krings, 1999), para a discussão atual veja Blaikie (1995, 1999); Bryant (1997, 1999); Peet e Watts (1993).

Referências bibliográficas

- BLAIKIE, Piers. Changing Environments or Changing Views? *Geography* 80(3), 203-214, 1995.
- BLAIKIE, Piers. A Review of Political Ecology. *Zeitschrift für Wirtschaftsgeographie* 43(3/4), 131-147, 1999.
- BRUNET, Roger. Géographie et 'Dimension Culturelle". *L'Espace Géographique* 4, 295-298, 1981.
- BRYANT, Raymond. Beyond the Impasse: the Power of Political Ecology in Third World Environmental Research. *Area* 29(1), 5-19, 1997.
- BRYANT, Raymond. Political Ecology for Developing Countries? *Zeitschrift für Wirtschaftsgeographie* 43(3/4), 148-157, 1999.
- CAPEL, Horacio. The history of science and the history of the scientific disciplines. Goals and branching of a research program in the history of geography. *Geo-Crítica*, Universidad de Barcelona, Nº 84, 1989 (<http://www.ub.es/geocritmenu.htm>).
- CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org) *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, .117-139, 1995.
- CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1987.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Carl Sauer e a Geografia Cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 261-285, 1997.

- COSGROVE, Denis. Commentary. *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 83(3), 515-516, 1993.
- COSGROVE, Denis. Ideas and culture: a response to Don Mitchell. *Trans. Inst. Br. Geogr. N.S.* 21, 574-575, 1996.
- COSGROVE, Denis. Geografia Cultural do Milênio. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (org): *Manifestações da Cultura no Espaço*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp.17-46, 1999.
- COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. New directions in cultural geography. *Area* 19(2): 95-101, 1987.
- DUNCAN , James S. The superorganic in American Cultural Geography. *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 70(2), 181-198, 1980.
- DUNCAN, James. Comment in Reply. *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 71(2), 289-291, 1981.
- DUNCAN, James; DUNCAN, Nancy. Reconceptualizing the idea of culture in geography: a reply to Don Mitchell. *Trans. Inst. Br. Geogr. N.S.* 21, 576-579, 1996.
- FOOTE, K. et al. (org.) *Re-reading Cultural Geography*. Austin: University of Texas Press, 1994.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, Clifford. Distinguished Lecture: Anti Anti-Relativism. *American Anthropologist* (86), 263-278, 1984.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local. Novos ensaios em antropologia interpretativa*. 2ª Edição. Petrópolis: Vozes, 1999.
- JACKSON, Peter. Berkeley and Beyond: Broadening the Horizons of Cultural Geography. *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 83(3), 519-520, 1993.

- JACKSON, Peter. The idea of culture: a response to Don Mitchell. *Trans. Inst. Br. Geogr.* N.S. 21, 572-573, 1996.
- JOHNSTON, R.J. *Geografia e geógrafos. A geografia humana anglo-americana desde 1945*. São Paulo: DIFEL, 1986.
- KRINGS, Thomas. Editorial: Ziele und Forschungsfragen der Politischen Ökologie. *Zeitschrift für Wirtschaftsgeographie* 43(3/4), 129-130, 1999.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 5^a Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. *Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social*. Rio de Janeiro: Zahar, 159-188, 1996.
- MIKESELL, Marvin. Geographic perspectives in anthropology. *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 57(3), 617-634, 1967.
- MIKESELL, Marvin. Tradition and Innovation in Cultural Geography. *Annals Assoc. Amer. Geogr.* 68(1), 1-16, 1978.
- MIKESELL, Marvin. Posfácio: Novos interesses, problemas não resolvidos e tarefas que persistem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org): *Geografia Cultural: Um século (2)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 85-109, 2000 (publicado originalmente em inglês em FOOTE et al. 1994)
- MITCHELL, Don. There's no such thing as culture. *Trans. Inst. Br. Geogr.* N.S. 20(1), 102-116, 1995.
- MITCHELL, Don. Explanation in cultural geography: a reply to Cosgrove, Jackson and the Duncans. *Trans. Inst. Br. Geogr.* N.S. 20(1), 580-582, 1996.

- PARSONS, James J.; VONNEGUT, Natalia. *60 years of Berkeley Geography 1923-1983*. Berkeley,
(URL: <http://geography.berkeley.edu/Publications.html>).
- PEET, Richard; WATTS, Michael. Introduction: Development Theory in an Age of Market Triumphalism. *Economic Geography* 69, 227-253, 1993.
- PRICE, Marie, LEWIS, Martin. The reinvention of cultural geography. *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 83(1),1-17, 1993a.
- PRICE, Marie, LEWIS, Martin. Reply: On Reading Cultural Geography. *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 83(3), 520-522, 1993b.
- RACINE, J.B.; RAFFESTIN; RUFFY, V. Escala e ação, contribuições para uma interpretação do mecanismo de escala na prática da Geografia. In: *R.Bras.Geogr.* 45(1), 123-135, 1983.
- RICHARDSON, Miles. Commentary on "The superorganic in American Cultural Geography. *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 71(2), 284-287, 1981.
- SYMANSKI, Richard. A Critique of "The superorganic in American Cultural Geography". *Annals Assoc. Amer. Geogr.*, 71(2), 287-289, 1981.
- WAGNER, Philip L. "The themes of cultural geography rethought." *Yearbook, Assoc. Pac. Coast Geogr.* 37, 7-14, 1975.
- WAGNER, Philip ; MIKESELL, Marvin. Temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (org): *Geografia Cultural: Um século (1)*. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp.111-167, 2000 (originalmente publicado em inglês em WAGNER, Philip ; MIKESELL, Marvin (org): *Readings in Cultural Geography*. Chicago: University of Chicago Press, 1962).

ABSTRACT

Cultural geography represents one of the most dynamic areas in geographic research. Internal discussions and controversies should not be seen as a sign of weakness or eclectism out of control, but as a mirror of cultural varieties and their differentiation in scientific thought. While “schools” and paradigms in cultural geography are compared, criticized or condemned, there are few writings about the proper persons who formulate and later defend these ideas. One should pay more attention to cultural geographers’ discourse and context (as human beings in mutual communication) than to the proper theories. By citing the example of Marvin Mikesell, a cultural geographer from the “Berkeley School”, it should be shown that tradition and innovation, continuity and change simultaneously take part in cultural geographic thought.

KEY-WORDS

Cultural Geography, Tradition and Innovation.